

	<p><b>Estado de Mato Grosso</b> Assembleia Legislativa</p>	
<p><b>Despacho</b></p>	<p>NP: 3h1jcp2m <b>SECRETARIA DE SERVIÇOS LEGISLATIVOS</b> 12/11/2019 Moção de aplausos nº 1751/2019 Protocolo nº 9680/2019</p>	
<p><b>Autor:</b> Dep. Paulo Araújo</p>		

Com fulcro no Art. 185-A do Regimento Interno desta Casa de Leis, requeiro à Mesa Diretora, ouvido o Soberano Plenário, que registremos anais “MOÇÃO DE CONGRATULAÇÃO”, na forma:

O deputado PAULO ARAUJO – PP vem, com esteio nos dispositivos regimentais, fazer inserir na ata dos trabalhos desta Egrégia Casa Legislativa, MOÇÃO DE CONGRATULAÇÕES pela passagem do aniversário do município de PORTO DOS GAUCHOS celebrado dia 11 de novembro de 2019.

Nesta data especial de 11 de novembro de 2019, em que se comemora o aniversário de criação deste pujante município de PORTO DOS GAUCHOS, expresso minhas mais sinceras congratulações a população desse pujante Município Mato-grossense, composto por um povo ordeiro e trabalhador, que arduamente dedicam as suas forças na construção de um futuro promissor.

Pelo exposto, é que venho prestar esta justa homenagem ao município de PORTO DOS GAUCHOS e a toda sociedade local.

Que seja dado conhecimento desta moção à Prefeitura Municipal e a Câmara Municipal de PORTO DOS GAUCHOS.

#### JUSTIFICATIVA

Na ata de fundação de Porto dos Gaúchos, lê-se a seguinte frase: Esta fundação foi feita em nome do senhor governador do Estado de Mato Grosso, Dr. Fernando Correia da Costa e em homenagem ao maior e mais ilustre brasileiro, idealizador e iniciador da Marcha Para O Oeste, Dr. Getúlio Dorneles Vargas”.

Assim como se lê nesse trecho da ata de fundação, pode-se perceber que o nome Porto dos Gaúchos foi dado em data posterior a 03/05/1955 e também deduzir nas reportagens produzidas a respeito e pela CONOMALI, (a colonizadora responsável pela abertura da Gleba Arinos), a influência do chamamento do presidente Vargas.

O desbravamento da região do Vale do Arinos foi iniciado pelo Grupo Irmãos Mayer, liderado por



Guilherme Meyer, o “Willy”, atendendo ao clamor do presidente Getúlio Vargas, em sua campanha bandeirante “Marcha Para O Oeste”, no intuito de povoar o Oeste Brasileiro. Entretanto, apesar de haver uma infinidade de material escrito por Walter Irgang (repórter que acompanhou a colonização desde o início), pastor Johannes Hasenack (secretário particular de Willy), Max Breul (administrador geral do empreendimento) e textos do próprio punho de Willy, nada há registrado por escrito, que comprove oficialmente que a colonização da Gleba Arinos tenha sido fruto da campanha idealizada e desenvolvida por Getúlio Vargas. O que se sabe e conhece, vêm de relatos orais, histórias que o povo conta.

Nada consta explicando como a propaganda getulista alcançou o povo das longínquas colônias do interior de Santa Rosa, no Rio Grande do Sul, A essência do despertar para o desbravamento da Amazônia e o interesse dos Irmãos Mayer na colonização do Vale do Arinos, é uma incógnita que Willy nunca revelou, mas sabe-se que ele e Vargas encontraram-se algumas vezes, informalmente, entre 1949 e 1953. Mas tais encontros não tiveram relação aparente com a colonização de Gleba Arinos.

Quando Getúlio Vargas saiu do seu discurso e partiu para a ação com a expedição Roncador-Xingu, Guilherme Meyer, o “Willy”, estava com 22 anos, havia concluído o “ tiro de guerra” e cursava a escola politécnica em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Nessa escola, Willy fez amizade com um colega e ambos ficavam horas sobre a ponte do rio dos Sinos, divagando sobre o Brasil e sonhando em conhecer a Amazônia. Chamava-se Helmuth Goldmeyer este amigo, que viria a ser o diretor administrativo da futura colonizadora CONOMALI.

Anos mais tarde, de volta à Santa Rosa, Willy e seus irmãos, ouvindo falar da “Marcha Para O Oeste”, também partilharam da euforia desse convite. Tal entusiasmo percebia-se no discurso inflamado de Willy aos seus conterrâneos: Se nossos antepassados vieram da longínqua Europa, atravessaram o Oceano Atlântico e, com inimagináveis dificuldades e sacrifícios pessoais abriram a mata virgem no interior do Rio Grande do Sul, na Linha República (Santa Rosa), por que nós, filhos desses mesmos pioneiros, não fazemos algo também, em favor do nosso País, desbravando o Oeste Brasileiro?

Além do sentimento nativista incitado por Vargas, existia uma outra motivação muito forte: a constante retaliação das terras do Sul do País, transformando-se em minifúndios cada vez mais ínfimos, pois à medida em que os filhos dos colonos iam casando, as terras iam sendo divididas, para que coubesse uma parte para cada, ficando sempre menor a área para cada um plantar. Isso originou a procura de terras para arrendar ou se apossar: Oeste de Santa Catarina, Oeste do Paraná e Sul de Mato Grosso do Sul.

Cabe registrar um fato no mínimo, interessante: a empresa “Irmãos Mayer” desejava adquirir uma área de terra no Estado de Mato Grosso, que naquela época ainda não fora dividido. Essa terra estava toda ela disponível e poderia ser escolhida, pois encontrava-se em estado virgem, totalmente intocada e inexplorada. Willy (Guilherme Meyer) e Helmuth Goldmeyer, responsáveis pela escolha da terra, quando chegaram na altura de Dourados, em Campo Grande, não gostaram do que viram: era puro cerrado e havia um preconceito generalizado de que “terra boa é coberta por mata grossa e fechada”. Assim, seguiram em frente, pensando em conseguir uma área bem próxima à Cuiabá. Para sua surpresa, todas as glebas existentes nas redondezas, já pertenciam a outras colonizadoras, com grandiosos projetos que, mais tarde, revelaram-se apenas objetos de especulação imobiliária: ou seja, existiam somente no papel.

Diante disso, não havia outra alternativa para Willy e Helmuth, que a de seguir em frente.



Agradou-lhes o nome rio Arinos. Primeiramente fretaram um avião e sobrevoaram a área que iriam comprar. Gostaram. Era uma floresta muito densa, rica em seringueiras, castanheira e madeira nobre. Bem servida com imenso manancial de água corrente. Dessa forma a área escolhida ficou sendo a do Vale do Arinos, 60 km ao longo do rio Arinos, afluente dos rios Juruena e Tapajós.

O rio Arinos, por sinal, viria a constituir-se em importante via de comunicação com as terras dos colonos, nos primeiros anos da colonização, bem como durante a estação das chuvas, por muito tempo, até o final dos anos 70.

Após a aquisição da terra junto ao Governo do Estado de Mato Grosso, 200 mil hectares de terras cultiváveis, à margem direita do rio Arinos, localizadas entre seus afluentes rios Chandles e Mestre Falcão, o grupo Irmãos Mayer constituiu a COLONIZADORA NOROESTE MATOGROSSENSE LTDA, cuja base operacional foi estabelecida em Cuiabá, gerenciada pelo estudante de Direito, Eliseu Cerisara, gaúcho de Santo Ângelo e amigo de infância de dona Gertrud, esposa do Willy. A partir de então, iniciavam-se as vendas de terra, mediante farta propaganda e envolvendo um grupo razoável de corretores imobiliários, principalmente na região de Santa Rosa – RS e, mais tarde, Santa Catarina e Paraná.

Com a chegada das primeiras famílias à Gleba Arinos, consolidava-se a tão sonhada “Marcha Para O Oeste”, preconizada por Getúlio Vargas e abraçada pelos pioneiros do Rio Grande do Sul que aqui fincaram suas raízes, trazendo seus usos e costumes, seu amor à terra, à família à igreja, que para cá vieram cheios de sonhos, que alguns realizaram, outros voltaram desiludidos ...

## **GLEBA ARINOS**

Como vimos anteriormente, motivados pelo chamamento do Presidente Vargas, muitos brasileiros do Sul do Brasil, engajaram-se na “Marcha Para O Oeste”, deixando seus rincões de origem, aventurando-se com Willy e adentrando a Amazônia inóspita.

A 23 de março de 1955, partiu a primeira caravana responsável pelo zoneamento e demarcação do perímetro da Gleba Arinos, integrada por 20 homens, e chefiada por Alfredo L. Carlson, ex prefeito de Santa Rosa e, mais tarde, deputado estadual pelo Rio Grande do Sul,

O grupo viajou em dois caminhões, um utilitário e um jeep, avançando pelas precárias estradas da época, atravessando o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e chegando ao centro do Mato Grosso.

A caravana levava mantimentos, ferramentas, sementes e mudas, dois pequenos barcos de popa e nada menos que 14 cães, que depois se revelariam muito úteis quando da conquista e implantação da colonização.

Enquanto a caravana pioneira avançava por via terrestre, Willy seguiu de avião à Cuiabá, a fim de antecipar providências que viabilizassem o acesso e a penetração do grupo à nova terra e que constava da contratação de um guia, conhecedor da região, dois agrimensores para realizarem o levantamento e demarcação do perímetro do projeto de colonização e peões, a mão de obra braçal, para auxiliar na abertura da mata.

Quando o grupo chegou à Cuiabá, Willy assumiu a liderança e juntaram-se à caravana, os homens



contratados por Willy: o guia Antônio Silveira da Cruz, os agrimensores Fernando L. Mesquita e Mário J.A. Carranza e a turma de peões, seguiu através de sofríveis estradas de chão, por Várzea Grande, Jangada, Rosário do Oeste, Nobres, Roncador, Diamantino e por trilhas em meio ao cerrado, até o porto de Cachoeira do Pau, nas cabeceiras do Arinos.

De Cachoeira do Pau, os pioneiros desceram o rio Arinos em dois barcos de popa e dos batelões, enfrentando as corredeiras do rio e a ameaça dos índios Beijos de pau (Tapaiúnas), que eram useiros e vezeiros em atirar flechas em qualquer embarcação que ousasse passar por seu território, localizado próximo ao porto de Cachoeira do pau, na margem esquerda do rio Arinos

A 3 de maio de 1955, após 45 dias de viagem, a caravana pioneira chegou ao local escolhido para sediar a colonização da Gleba Arinos. O ato de fundação constou com o hasteamento da Bandeira do Brasil, entoação do Hino Nacional e foi lavrada uma ata, conforme pode ser verificado nos anexos.

A 19 de abril de 1956, chegaram as primeiras famílias à Gleba Arinos.

Nessa época pioneira, de muito trabalho e sacrifícios, destaca-se o nome do padre João Evangelista Dornstauder S.J., que já se encontrava na região (onde hoje localiza-se Tabaporã), realizando um trabalho de catequese junto aos índios Kayaby. Vale ressaltar que esses índios não habitavam a área da Gleba Arinos mas, por serem nômades, passavam por suas terras livremente. A CONOMALI emprestou decisivo apoio ao padre João em seu trabalho missionário e de integração com o homem branco, fornecendo combustível, mantimento e remédios.

Pastor Johannes Hasenack é outro religioso que merece um destaque especial, juntamente com sua esposa, Ingeborg Burghardt Hasenack, a tão querida professora “Tante Inge”. Esse casal deixou sua vida tranquila para trás, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, para dedicar-se ao trabalho de evangelização e educação escolar justamente nos anos em que a colonização mais carecia de apoio.

Dr. Walter Gualterios Zahn, médico clínico geral, prestou relevantes serviços de prevenção de doenças e cuidados sanitários junto às famílias recém chegadas.

Um marco histórico relevante foi a abertura da Estrada da Baiana, cuja abertura possibilitou a ligação da atual rodovia Cuiabá-Santarém, demandando rumo à Rosário do Oeste e à capital do Estado. Em março de 1958 ficou estabelecida essa ligação rodoviária. O picadão inicial que deu origem ao traçado existente até hoje, foi realizado pelo topógrafo Walter Von Eye, sendo a CONOMALI responsável por construir, com recursos próprios, 143 km de estrada e diversas pontes, sendo 83 dentro das pesadas matas da Gleba Arinos e os outros 60 km, fora dos limites da gleba.

A 11 de novembro de 1963, Porto dos Gaúchos foi elevado à categoria de município, através da Lei nº 1945, sancionada pelo Governador Dr. Fernando Corrêa da Costa e a instalação da Prefeitura Municipal de Porto dos Gaúchos, instalada a 12/05/1965. O primeiro prefeito foi Guilherme Meyer.

**Fonte: Câmara Municipal de Porto dos Gauchos**



**Estado de Mato Grosso**  
Assembleia Legislativa



**Paulo Araújo**  
Deputado Estadual